

# O BALNEÁRIO CASTREJO DO CASTRO DAS EIRAS\*

Francisco Reimão Queiroga\*\*

António Pereira Dinis

## RESUMO:

O balneário castrejo escavado no castro das Eiras em 1990 trouxe novos dados para o entendimento destas estruturas tão curiosas como raras. Este balneário, com dimensões anormalmente grandes, apresentava uma profusa decoração das grandes peças graníticas que o constituíam. Este balneário é um equipamento de prestígio pertencente a um grande castro construído sob o domínio romano. A mestria artesanal necessária ao talhe dos seus elementos decorativos, bem como a tipologia de alguns motivos, sugerem a existência de artesãos itinerantes.

**Palavras-chave:** Balneário tipo sauna, Cultura Castreja

## ABSTRACT:

The Iron Age sauna uncovered in 1990 at the Eiras hillfort added new evidence for the understanding of these interesting and somewhat rare structures. The bath structure bears an unusual large size and profuse decoration of its granite-composing elements. It is a prestige utility within a large urban site built under Roman guidance, although its typology is indigenous. The craftsmanship and decorative typologies involved suggest the existence of specialized itinerant masons.

**Key-words:** Sauna bath, Castro Culture

Ao Mestre

## 1. INTRODUÇÃO

O castro das Eiras fica situado no Alto das Eiras, na confluência das freguesias de Joane, Pousada de Saramagos, Telhado e Vermoim, do concelho de Vila Nova de Famalicão.

Esta estação foi objecto de uma intervenção arqueológica no Verão de 1990, após a descoberta do balneário localizado na sua periferia.

O presente trabalho pretende dar a conhecer os aspectos mais significativos da arquitectura da estrutura de banhos castreja do Castro das Eiras, evitando a apresentação detalhada dos

---

\* Este trabalho foi apresentado ao colóquio "Castrexos e Romanos no Noroeste" de homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, realizado em Outubro de 1997 em Santiago de Compostela. As actas deste colóquio não foram publicadas. O texto então produzido é aqui publicado na versão original, pese o facto de algumas ideias expressas terem sido posteriormente afinadas pelo aparecimento de novos balneários e, conseqüentemente, por novas evidências e bibliografias.

\*\* Professor Associado da Universidade Fernando Pessoa, Porto.

outros aspectos arqueológicos que mais caberiam num relatório de escavação. Quanto à problemática sobre os balneários castrejos, é sobejamente conhecido o seu longo e polémico percurso, desde o reconhecimento da primeira “pedra formosa”, em 1876 e da tipificação destes monumentos (Sarmiento 1989, 21-2) até à mais recente teoria que interpreta estas estruturas como balneários (Almeida 1974), a qual entendemos como definitiva, porque confirmada e complementada por posteriores trabalhos de revisão dos dados arqueológicos (Silva 1986) e de contextualização teórica (Almagro-Moltó 1992; Queiroga 1992, 24-6).

## **2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESTAÇÃO**

O Alto das Eiras é uma das proeminências existentes na parte média de uma linha de montes que da Serra do Carvalho descem na direcção de Famalicão, e que separam os vales dos rios Pele e Pelhe.

O posicionamento topográfico do Castro das Eiras confere-lhe um assinalável controle visual sobre os vales, em particular o do rio Pele que domina em grande parte do seu curso e permite-lhe visualizar vários povoados castrejos, nomeadamente Santa Tecla e S. Miguel-o-Anjo de Ruivães, S. Bartolomeu e S. Miguel-o-Anjo de Vermil, além do vizinho castro de Vermoim.

O castro das Eiras é um povoado de grandes dimensões e aparente complexidade nas suas estruturas urbanísticas, tanto quanto os vestígios de superfície deixam antever. As dimensões deste povoado, se definirmos uma orientação segundo um eixo que siga o seu comprimento máximo, sendo este intersectado em ângulo recto por um outro, temos o eixo principal, com cerca de 1100 metros de comprimento, orientado no sentido NE-SW, e balizado pelos taludes exteriores. O outro eixo, que cruza o primeiro no ponto central desta estação, orienta-se no sentido NW-SE, com um comprimento de cerca de 450 metros. Estas dimensões definem o castro das Eiras como uma das maiores estações castrejas conhecidas.

Até à data da presente intervenção, nenhuma outra escavação arqueológica tinha sido efectuada. Contudo, a área da acrópole, na qual se encontra implantado um marco geodésico, revela alguns vestígios de escavações clandestinas, mormente remeximentos junto a zonas de entalhes mais visíveis nos inúmeros rochedos que juncam o local, entalhes estes que certamente estariam associados a estruturas. Existem ainda outros inúmeros remeximentos, em toda a área do castro, e do resto do relevo, tratando-se de captações de água, pois a grande maioria do abastecimento de água das casas de lavoura dos vales adjacentes provém destes montes.

Em toda a área se notam inúmeras estruturas à superfície, mormente muralhas e taludes, que conferem ao relevo da estação um ordenamento topográfico em sequência de plataformas, certamente com a finalidade de aplanar a área de implantação de estruturas habitacionais.

Os materiais de superfície contam-se entre as cerâmicas calaico-romanas, locais e de importação, bem como inúmeros fragmentos de tégulas e imbrices, apontando este conjunto para um período de ocupação entre o câmbio de Era e o século III d.C.

## **3. A ESTRUTURA DE BANHOS**

### **3.1. Localização**

A estrutura de banhos encontra-se localizada numa linha de água, na vertente, a SSW do marco geodésico, e na periferia do povoado. A julgar pelas condições naturais de acesso, a partir do vale do Pele, este deveria estar junto a um dos caminhos que conduziam ao castro. O pendor do terreno, bem como os inúmeros afloramentos rochosos da área, impedem uma análise precisa

da topografia, pois as rochas naturais são, por vezes, aproveitadas para ligar os muros de plataformas, ou muralhas, mas, por outro lado, também criam naturalmente zonas de terraço, de difícil caracterização.

Na área envolvente do monumento foram já localizados alguns muros de suporte, de ambos os lados da linha de água, facto que determina a ocupação do esporão adjacente, a SSW do marco geodésico, e designado toponimicamente por “Monte do Marinho”, o que, aliás, é confirmado por outras evidências a referir oportunamente.

Situada, portanto, numa encosta de um certo pendor, o balneário das Eiras encaixa numa base de granito alterado, protegido do declive por rocha natural, a Sul. A orientação da estrutura, tomando a linha que parte do centro do forno e intersecta o centro da “pedra formosa”, é NE-SW.

### 3.2. Estrutura

A estrutura geral deste “monumento” integra-se no conjunto tipológico, comum aos exemplos conhecidos no Entre-Douro-E-Minho, apresentando soluções arquitectónicas que cada vez mais se podem, de uma forma geral, conotar com o núcleo cultural que corresponderá à área meridional da Cultura Castreja (Almeida 1983, 188). Esta área, se a definirmos pela tipologia destes balneários (Queiroga 1992, fig. 15), e corroborada pela distribuição das estátuas de guerreiros (Calo Lourido 1994, 692 – mapa 8), teria que englobar o de Santa Marinha de Águas Santas, pois a sua integração nesta família tipológica é indiscutível. Mais distantes formalmente, e até porque diferentes recursos geológicos tendem a motivar diferentes soluções arquitectónicas, são os “monumentos com forno” nortenhos, em xisto, tais como os de Coaña e Pendia.

O balneário do castro das Eiras é composto pelos seguintes espaços funcionais: forno, câmara, antecâmara ou vestíbulo, e finalmente os pátios.

#### 3.2.1. O forno

O forno é um elemento de planta semi-circular, em forma de ferradura, com a abertura voltada para a câmara. É constituído por pedras aparelhadas, de tamanho médio e cuidadosamente dispostas, dispensando cimentação. A parede do forno tem duas faces, à boa maneira castreja, e uma espessura aparentemente exagerada, mas talvez necessária, pela necessidade de suportar o peso das terras envolventes.

O nível do solo original do forno encontrava-se destruído aquando da escavação. Aliás, estava-o já quando Martins Sarmento o viu, nos finais do mês de Abril de 1880. Deste remeximento, que pudémos documentar estratigraficamente no decurso da escavação, ainda existe alguma evidência observada por Sarmento (1989, 21-2). Merece transcrição o seu relato sobre a visita que efectuou ao “Castelo de Vermoim”, durante a qual observou uma recente escavação no “Monte da Fonte do Rei” ou “Alto das Eiras”, já na descida deste monte que, suspeitamos, o notável arqueólogo talvez tivesse tomado pelo Monte do Castelo ou Castro de Vermoim, posto que se encontram fronteiros e muito próximos um do outro. “...Ao pé do rego, e talvez não a muita distancia da nascente de água havia uns restos de construção cónica, igual á do “Forno dos Mouros da Saia”. Dentro havia uma escavação profunda. ... tinha talvez 3 metros de profundidade, e havia no fundo algumas pedras grossas, que os escavadores à certa contavam extrair. ... Duas das pedras extraídas denotavam terem sido requeimadas pela acção do fogo. Uma delas tinha uma cavidade. ... Para mim a casa cónica é um edifício idêntico ao da Saia e do Sabroso” (Idem, *ibidem*).

A face interior do muro é vertical até cerca de 1,5 metros de altura, convergindo então na direcção da parte superior, formando cúpula. Deste pano com curvatura pouco sobreviveu, como

é natural. Contudo, os elementos respeitantes a este arranque da curvatura, complementados com o nível do cume da câmara, podem permitir a reconstituição da forma original da cúpula. Esta fechava contra uma peça de chaminé, da qual foi encontrado um fragmento (Fig. 3, 4) que corresponde a mais de metade. A configuração desta peça é mais um elemento a sugerir que o forno fecharia em cúpula, e não em falsa cúpula como os conhecidos fornos de Briteiros (Cardozo 1931, 251) e Galegos (Silva 1986, Est. 35).

Os remates da parede do forno são travados por dois pilares em granito (Fig. 1, A), extremamente calcinados e degradados, sobre os quais assentaria o lintel da abertura de comunicação com a câmara.

### 3.2.2. A câmara

A câmara é uma peça de construção extremamente cuidada e de área pouco superior à do forno, do que ressalta a interligação funcional entre estes dois elementos. O pavimento é composto por grandes lajes, de configuração irregular e superfície bem polida. De cada um dos lados e perpendicularmente à entrada do forno, dispõem-se duas grandes lajes, espessas e bem aparelhadas, em cujos topos foi talhada uma canelura longitudinal destinada a travar as lajes de cobertura. Esta era formada por grandes lajes afeiçãoadas dispostas em tecto de duas águas, seguindo o modelo tradicional já conhecido neste tipo de estruturas. Das lajes de cobertura, apenas uma foi encontrada *in situ*, apesar de fragmentada no topo convergente com as restantes. Esta parte foi, contudo, encontrada no interior da câmara, dando-nos, assim, as dimensões exactas da peça.

Não foi encontrado qualquer vestígio ou marca da existência de bancos neste espaço. Cremos que, a terem existido, seriam em madeira e amovíveis.

A fechar a câmara temos a tradicional “pedra formosa” ou estela frontal que, de resto, é o mais magnífico dos elementos desta estrutura (Fig. 2)<sup>1</sup>. É um monólito granítico, de grão grosseiro, com características coincidentes com o contexto geológico circundante. Aquando da sua descoberta encontrava-se já fragmentada no sentido vertical e amputada na parte superior. A estela frontal encosta às lajes de contrafortagem lateral, assentando sobre as lajes do pavimento, estando calafetada na parte posterior por duas pedras, uma de cada lado da abertura, as quais estão perfeitamente afeiçãoadas, por forma a encaixar no ângulo formado pela estela e pelo pavimento.

A estela tem forma casiforme, com uma abertura semi-circular na parte central inferior. Esta encontra-se ornamentada por uma orla em espinha, em baixo-relevo. De cada um dos lados dois motivos cruciformes, com posicionamento oblíquo. Sobre a abertura dispõe-se, horizontalmente, uma faixa composta por três toros, representando corda, em baixo-relevo. O toro central encontra-se interrompido, na sua parte média, para dar lugar a uma concavidade de apoio à saída da câmara. O toro superior, também na parte média, deriva para o cume, em ângulo recto, formando dois toros com motivo em corda. Temos, assim, uma divisão da face anterior da estela em três zonas – a inferior dominada pela entrada e as superiores, direita e esquerda. Dentro do espaço superior temos uma organização assimétrica em cada um dos lados que a compõem. A direita, e mais preenchida, é formada por um motivo decorativo de aspecto lanceolado à esquerda do qual se desenvolvem três bandas verticais de cordado duplo e simétrico entre si. No lado esquerdo repete-se a mesma organização decorativa, reduzindo-se, contudo, em um o número de encordados. Esta temática decorativa não é muito frequente na área geográfica da Cultura Castreja aparecendo, contudo, um número significativo de exemplos na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso (Calo Lourido 1994, 144-9; Cardozo 1972, 176, n.º 107).

Quatro fragmentos decorados, encontrados durante a escavação, pertencem, sem dúvida, à parte amputada da “pedra formosa”, e o seu posicionamento exacto (Fig. 2) foi corroborado pela

<sup>1</sup> Os desenhos das Fig. 1, 3 e 4 foram realizados por A. Pereira Dinis com a colaboração de Alfredo Barbosa. O desenho da Fig. 2 foi realizado por Christina Unwin.

mancha de argila que reflecte a ligação com a cobertura da antecâmara. Trata-se da parte superior do lanceolado do lado direito, bem como um pequeno fragmento que indica a existência de uma roda flamejante de cinco pontas, no lado esquerdo. Um outro fragmento de roda flamejante de cinco pontas, com desenvolvimento oposto ao anterior, sugere a existência de uma decoração deste tipo no lado direito. A continuação dos toros verticais na direcção do vértice poderia apresentar duas soluções possíveis. Um remate simples, com entalhe para apoio da trave-mestra da antecâmara ou, então, o remate dos toros em círculo, convergindo num só, à semelhança da “pedra formosa” 1 de Briteiros, com a qual, aliás, esta apresenta muitas semelhanças de organização decorativa.

Caberia ainda salientar a perfeição do talhe de todos os motivos decorativos acima descritos, como indicadora não só de uma extraordinária mestria do artífice que os produziu, mas também da existência de uma variedade de instrumentos de talhe necessários à execução desta obra.

### **3.2.3. A antecâmara**

A antecâmara apresenta um formato sub-quadrangular, com dimensões que muito se aproximam das da câmara.

Existem alguns indicadores que parecem sugerir uma cobertura em madeira coberta e calafetada com saibro como a solução mais viável para este caso. Contudo, o derrube da cobertura da antecâmara não está representado com clareza no registo arqueológico, talvez devido às sucessivas perturbações a que este imóvel foi sujeito.

Do lado voltado à antecâmara, os rebordos laterais da estela mantêm ainda as marcas de saibro da cimentação com as lajes laterais da antecâmara – hoje desaparecidas – e com a cobertura, marcas estas que corroboram o facto de esta camada de argila dever ter coberto toda antecâmara.

À semelhança da câmara, as lajes laterais estavam contrafortadas no exterior por um muro em pedra, do qual hoje só se notam vestígios. O posicionamento das lajes pode ser documentado pelas marcas na estela frontal bem como pelos entalhes (Fig. 1, B) no pavimento na peça onde assentariam as ombreiras da entrada da antecâmara.

A antecâmara era ladeado por dois bancos os quais cremos terem sido em pedra – já desaparecidos – encaixados junto às paredes laterais, notando-se ainda na “pedra formosa” as marcas do seu tampo, em argila. De resto, o seu perfil está perfeitamente marcado nas lajes do pavimento através de uma ligeira canelura (Fig. 1, C). Estes bancos, que alinhavam perpendicularmente à entrada, teriam cerca de 50 cm de altura por cerca de 40 cm de largura, podendo o comprimento ser estimado em 2,80 metros.

Defronte da “pedra formosa,” e ladeando o orifício da entrada, existem dois entalhes circulares, respectivamente em alto e baixo-relevo, os quais teriam servido como suportes de peças do tipo lamparinas, talvez destinadas a iluminar o recinto. Esta interpretação é apoiada pelos nítidos restos de fuligem presentes nas orlas laterais do orifício de entrada, zonas para as quais seria lançada a chama e o fumo pela corrente de convecção vinda do exterior na direcção da câmara.

O pavimento da antecâmara é composto por duas grandes lajes, perfeitamente polidas, notando-se uma ligeira inclinação face ao centro e exterior da antecâmara, certamente com o intuito de drenar as águas residuais. De resto, esta inclinação continua no pátio, seguindo o mesmo alinhamento.

Entre a antecâmara e o pátio, temos alguma evidência da solução arquitectónica empregue para o seu fecho. Dois entalhes na laje do pavimento, do lado direito, e encostando ao limite lateral do banco, sugerem a existência de duas colunas (Fig. 1, D) ladeando a entrada, que suportariam não só a estrutura de separação entre o pátio e a antecâmara, como também a cobertura

desta última. Destes elementos arquitectónicos, que apoiavam internamente as lajes laterais da antecâmara, nada conhecemos além da presunção da sua existência. Contudo, chamou-nos a atenção um grande lintel decorado, hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento, proveniente da entrada da Quinta da Breia (Cardozo 1972, 173, n.º inv. 104; Sarmento 1989, 18), no sopé do monte, e referida como sendo proveniente do Castelo de Vermoim<sup>2</sup>. Pelas características gerais deste elemento, mormente as suas dimensões e disposição decorativa (Fig. 4), cremos tratar-se da padieira que assentaria sobre estas colunas, separando a antecâmara do pátio. Afigura-se-nos, ainda, que este lintel deveria ser encimado por uma outra pedra, talvez de formato triangular, a qual fecharia a frontaria da antecâmara, até porque esta pedra contém uma canelura longitudinal numa das faces, a qual entendemos como um encaixe. Defronte destas colunas deveriam situar-se dois pilares de contrafortagem, os quais reforçariam a estabilidade do conjunto. A sua existência é sugerida pelos entalhes aplanados (Fig. 1, E) situados nos lados da entrada e defronte das colunas acima referidas.

### **3.2.4. O pátio**

O pátio é a dependência mais destruída por depredações várias, tendo já desaparecido parte dos muros que o delimitariam, bem como algumas lajes do pavimento. Duas delas encontram-se hoje sobreelevadas em relação ao seu nível original, documentando assim uma das fases de violação desta estrutura. Do lado oeste, e amparando a elevação do terreno, existe um muro de suporte que arranca da entrada da antecâmara, ao lado da ombreira, dele restando apenas um pequeno pano. O seu aparelho, bastante cuidado, é composto por grandes lajes bem aparelhadas que formam a base, e encimado por pedras de menores dimensões, com um ordenamento oblíquo, que nas casas redondas se tem vindo a designar como helicoidal. Junto à parte final deste muro, encontrava-se, sobreelevada e obviamente deslocada, uma grande pedra de formato sub-quadrangular bem aparelhada – com excepção de uma das faces – que num dos lados ostenta uma canelura em meia cana. Cremos tratar-se de uma pedra que estaria na continuação do muro atrás referido, servindo de espaldar a uma bica de água, passando esta através da canelura. Deste lado Oeste desapareceram outras estruturas que aqui teriam existido. Dentre elas certamente se contaria a escada de acesso ao balneário. Do lado oposto, e apesar das diversas perturbações registadas, sobreviveu parte da face exterior do muro que delimita o conjunto. A Sudeste, e junto de um caminho actual, este muro apresenta dupla face, alinhando quase em paralelo com o plano da “pedra formosa”. Embora dispondo de escassa evidência, cremos que a entrada do conjunto se efectuará entre este tramo e o muro situado a Oeste.

O pavimento do pátio apresenta uma inclinação convergente para o centro e para fora, à semelhança da câmara e antecâmara, cuja função seria a de drenar as águas para o exterior.

A cerca de 2,60 metros da entrada da antecâmara, e paralelo a esta, existe um entalhe alongado no pavimento que atravessa todo o pátio. Trata-se de uma canelura de alicerce do que seria um muro de pedra seca, cuja função poderia ser a de criar dois espaços distintos no pátio, ou então dois pátios com diferentes funcionalidades. A reforçar esta sugestão da existência de uma barreira, temos a depressão que drena os compartimentos anteriormente descritos (Fig. 1, F), a qual inflecte para a direita ao chegar junto desta canelura/alicerce. A diversidade e quantidade dos elementos arquitectónicos com decoração já documentados como integrando este complexo, leva-nos a propôr a existência de um painel decorado neste local. Desta forma, aqui poderíamos integrar a laje decorada existente no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Cardozo 1972, 175, n.º inv. 106), proveniente do “Castelo de Vermoim” (cf. nota 2), e cuja espessura coincide

<sup>2</sup> A confusão manifestada por Martins Sarmento entre o Castro (ou Castelo) de Vermoim e o Castro das Eiras, que aliás distam apenas algumas centenas de metros, poderá ser a razão pela qual esta peça tem vindo a ser referida como proveniente do Castro de Vermoim em toda a bibliografia arqueológica referente aos balneários castrejos.

com a largura do entalhe acima referenciado. Curiosamente, esta hipótese foi já aventada por Calo Lourido (1994, 631), apenas pela análise da peça, e no desconhecimento dos dados que acima relatamos.

### **3.2.5. Caleiros e drenagens**

As estruturas de drenagem constituem uma preocupação evidente neste balneário, o que não será de estranhar não só pela água utilizada para a prática banhar, como para as lavagens das pedras, e mesmo devido às infiltrações desta área subterrânea.

Os entalhes na face decorada da estela frontal, destinados a servir de apoio às mãos para a entrada na câmara, possuem um pequeno orifício vertical, que os liga, e que serve para drenar a água que lá se acumulasse. Estando a estela coberta, assume-se que este orifício de drenagem indicará a prática de lavagem das pedras do balneário, certamente para as limpar dos limos e fungos que se desenvolveriam neste ambiente húmido e quente. De resto, idênticas drenagens existem na “pedra formosa” de Briteiros, o que parece demonstrar a divulgação desta prática.

Como foi acima referido, o pavimento entre a câmara e o pátio apresenta uma pequena depressão no centro, a qual permite o escoamento de todas as águas, encaminhando-as para um caleiro composto por pequenas lajes em granito, sem cobertura, que se inicia junto do suposto muro divisório do pátio e alinha para Sul, conduzindo as águas para o exterior, intersectando o muro delimitador do balneário. Já no exterior, as águas correriam junto ao muro exterior, para Leste na direcção do pendor, através de um caleiro (Fig. 1, G), do qual escavámos um tramo. Esta estrutura foi, entretanto, abandonada, talvez porque afectaria a solidez do muro, e foi então construído um maciço adossado ao cunhal do lado direito, afastando assim as águas do muro e conduzindo-as a um outro caleiro (Fig. 1, H) coberto com pequenas lajes.

## **4. MATERIAIS AVULSOS**

No decurso da escavação foram encontrados, dentro do espaço do balneário, alguns elementos arquitectónicos avulsos com decoração, certamente deslocados aquando das violações para obtenção de pedra, e que nos podem indicar alguns detalhes suplementares sobre a complexidade decorativa deste balneário.

1 – Fragmento de possível friso, de secção sub-circular, com incisões oblíquas representando corda (Fig. 3, 1).

2 – Fragmento de possível colunelo, de secção sub-circular, a parte anterior bem afeiçãoada e polida e a posterior decorada com motivo em dupla espiral (Fig. 3, 2).

3 – Fragmento de possível friso, de secção sub-trapezoidal, com decoração em corda com dois toros associados formando “espinha de peixe” (Fig. 3, 3).

## **5. CRONOLOGIA**

A datação dos “monumentos com forno” conhecidos tem sido sempre rodeada de uma certa ambiguidade, sobretudo devido às especificidades arqueológicas destas estruturas.

A escavação deixou-nos a impressão que o balneário se terá mantido mais ou menos intacto após o seu abandono, o que não admiraria se atendermos à qualidade da sua construção. Os escassos materiais cerâmicos que encontrámos no seu interior além de pouco diagnósticos correspondem a escorrimentos pós-abandono e sobretudo às fases de violação. Faltaria ainda alargar a escavação para o exterior com o intuito de recolher dados sobre a cronologia da sua cons-

trução. Os dados disponíveis sugerem que a construção deste balneário não deverá ser anterior a meados do século I d.C., podendo a sua utilização ultrapassar a época Flávia.

## 6. CONCLUSÕES

Pelo que conhecemos deste balneário, a juntar ao que pode ser indicado por alguns elementos dispersos, cremos estar em presença do mais magnífico conjunto arquitectónico conhecido na cultura castreja. O tamanho do imóvel e das lajes em granito que o compõem, a profusão dos elementos decorativos, bem como o cuidado posto nas soluções construtivas, sugerem um enorme esforço posto na sua construção, só possível numa comunidade com amplos recursos económicos, e numa manifesta atitude de ostentação e de prestígio. Com efeito, a área desta estação arqueológica é consentânea com a de um povoado de nível hierárquico superior, papel que talvez tenha assumido ao longo da 1ª metade do século I d.C., acompanhando o declínio e abandono de alguns pequenos castros da área (Queiroga 1992, 37-9, fig. 25) bem como a (re)organização do território conduzida pelo processo de romanização<sup>3</sup>. Contudo, o carácter marcadamente indígena deste balneário deixa transparecer o profundo apego a algumas tradições, apesar do avançado processo de romanização.

A mestria dos canteiros e pedreiros desta época<sup>4</sup> está bem patente em todo o conjunto, e em particular nas grandes lajes decoradas em baixo-relevo. Alguma da temática decorativa presente na estela frontal e na padieira, acima referidas, e em particular a execução destes ornamentos, sugerem-nos algumas considerações complementares que, cremos, serem oportunas. Os motivos decorativos com associações de “SS” rematando em flecha não são frequentes na arquitectura castreja<sup>5</sup> (*in genere* Calo Lourido 1994), estando ausentes das decorações conhecidas na cerâmica (Silva 1986, est. 65 a 78) castreja. As ocorrências desta associação decorativa parecem concentrar-se em Briteiros e nas Eiras, existindo mesmo uma significativa semelhança não só no traço e lavra mas também nas dimensões dos ornamentos destes dois sítios (Pereira 1941, 39, Fig. 29; Cardozo 1980, 36), alguns dos quais aparentam mesmo ter sido executados a partir do mesmo desenho. Tudo isto nos sugere que estas peças poderão ter sido executadas pelo mesmo artífice, ou grupo de artífices, operando nesta área do vale do rio Ave, e residindo em qualquer um dos povoados da região<sup>6</sup>.

Cremos que cada vez mais se confirmam as observações feitas por C.A. Ferreira de Almeida, a propósito do guerreiro de Sta. Comba (Almeida 1981, 115), ao sugerir a existência de pedreiros especializados, e com “espírito de corpo profissional”. Aceitando-as, poderemos compreender mais claramente a grande uniformidade regional da arquitectura castreja, nas suas soluções e no talhe da pedra, bem como o extraordinário volume – e trabalho – de pedra presentes nos castros que se desenvolveram com a romanização.

<sup>3</sup> As linhas gerais desta hipótese foram já levantadas por Sarmiento, em 1879 (Sarmiento 1933, 31-2), a propósito do castro de Sabroso, pelo que continuam a fascinar-nos a lucidez e a capacidade de síntese deste arqueólogo.

<sup>4</sup> A grande especialização dos pedreiros castrejos com o influxo da romanização foi já salientada por Almeida (1983, 190; 1986). No caso deste balneário, e atendendo às características do conjunto, sugerimos ter havido uma separação de funções cabendo, eventualmente, aos canteiros o corte e aparelhamento em grosso das lajes, sendo o trabalho de escultura e polimento fino reservado a operários mais especializados.

<sup>5</sup> Independentemente de algumas variações estilísticas, referimos os exemplos de Briteiros e Sabroso (Cardozo 1972, 176, 182), do castro de Grovos, Caires, Amares (Calo Lourido 1994, 270-80) e, evidentemente, a padieira e a “pedra formosa” do balneário das Eiras.

<sup>6</sup> Cremos que nesta época, como acontece em épocas posteriores, os pedreiros especializados poderiam cobrir uma vasta região, deslocando-se para a execução das obras. De resto, e ressaltando a diacronia dos materiais, a execução do volume de elementos arquitectónicos decorados e estatuária castreja apresentado no *corpus* de Calo Lourido (1994), não deveria ocupar a totalidade da vida útil de uma equipe de artífices especializados.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M.; MOLTÓ, L. (1992) – “Saunas” en la Hispania prerromana, *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie III, Historia Antigua, n.º 5, 67-102.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974) – O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, *III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 149-72.
- \_\_\_\_\_ (1981) – Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto), *Arqueologia* 3, Porto, 111-16.
- \_\_\_\_\_ (1983) – O castrejo sob o domínio romano: a sua transformação, in Pereira Menaut, G. (ed.), *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, 187-98.
- \_\_\_\_\_ (1986) – Arte castreja, *Arqueologia* 13, Porto, 161-72.
- CALO LOURIDO, F. (1994) – *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa (2 vols.)*, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa.
- CARDOZO, M. (1931) – A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da “Pedra Formosa”, *Revista de Guimarães*, 41, 55-60, 201-9, 250-60.
- \_\_\_\_\_ (1972) – *Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento (2ª ed.).
- \_\_\_\_\_ (1980) – *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento (8ª ed.).
- GARCIA Y BELLIDO, A. (1968) – Cámara funeraria de la cultura castreña, *Archivo Español de Arqueología* 41 (117-18), 16-44.
- PEREIRA, F. A. (1941) – Páginas inéditas de Félix Alves Pereira, *Revista de Guimarães*, 51 (1-2), 27-40.
- QUEIROGA, F. M. V. R. (1992) – *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age* (Policopiado), Oxford, Oxford University (2003, BAR International Series 1198, Archaeopress, Oxford).
- ROMERO MASIA, A. (1976) – El habitat castreño, Santiago de Compostela.
- SARMENTO, F. M. (1933) – Acerca das escavações de Sabroso, *Dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 22-35 (1879, A Renascença, pp. 22-33).
- SARMENTO, F. M. Antiqua (F. J. Salgado Guimarães ed.) (1989) – *Revista de Guimarães*, 99, 16-66.
- SILVA, A. C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.

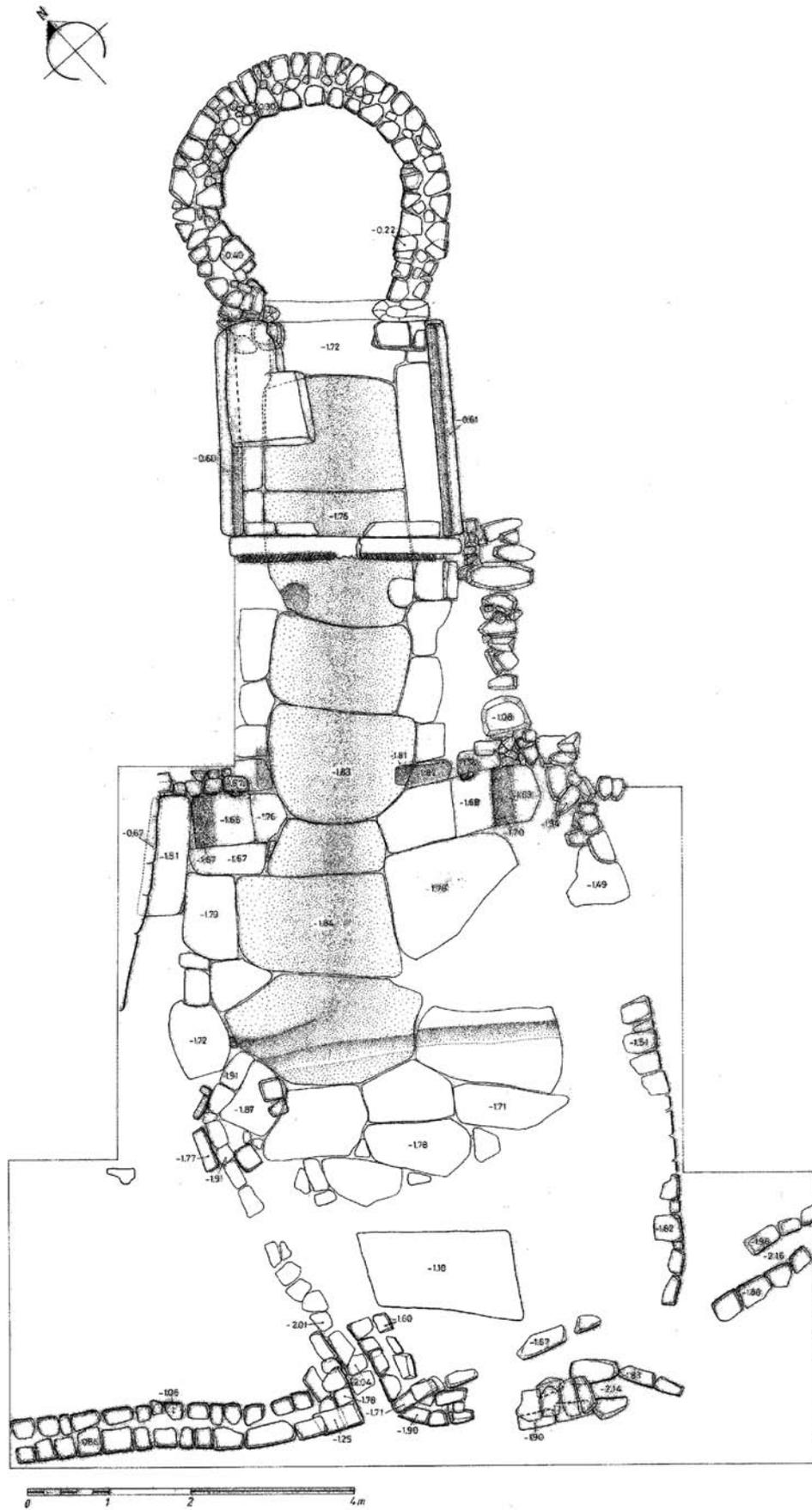
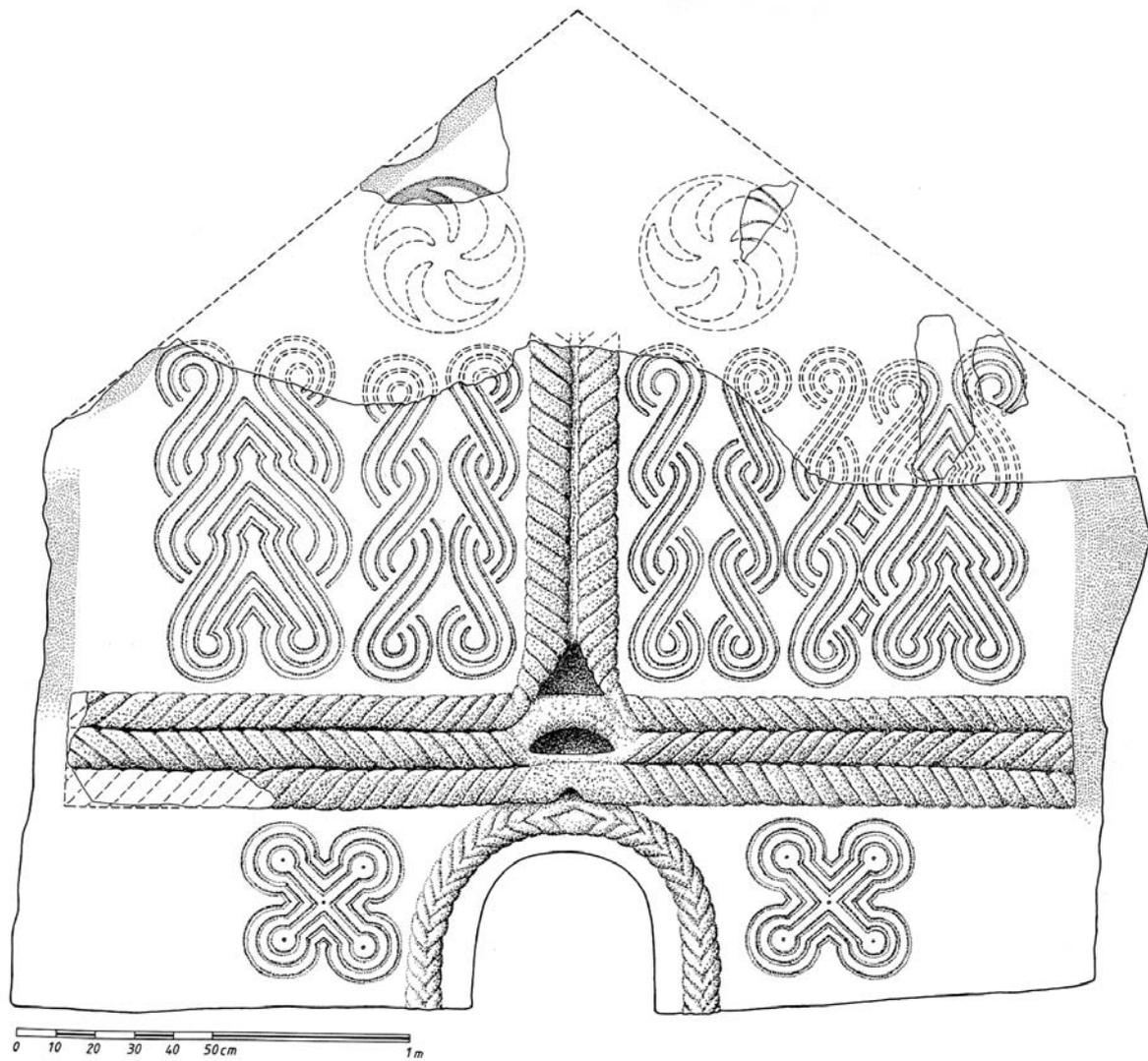
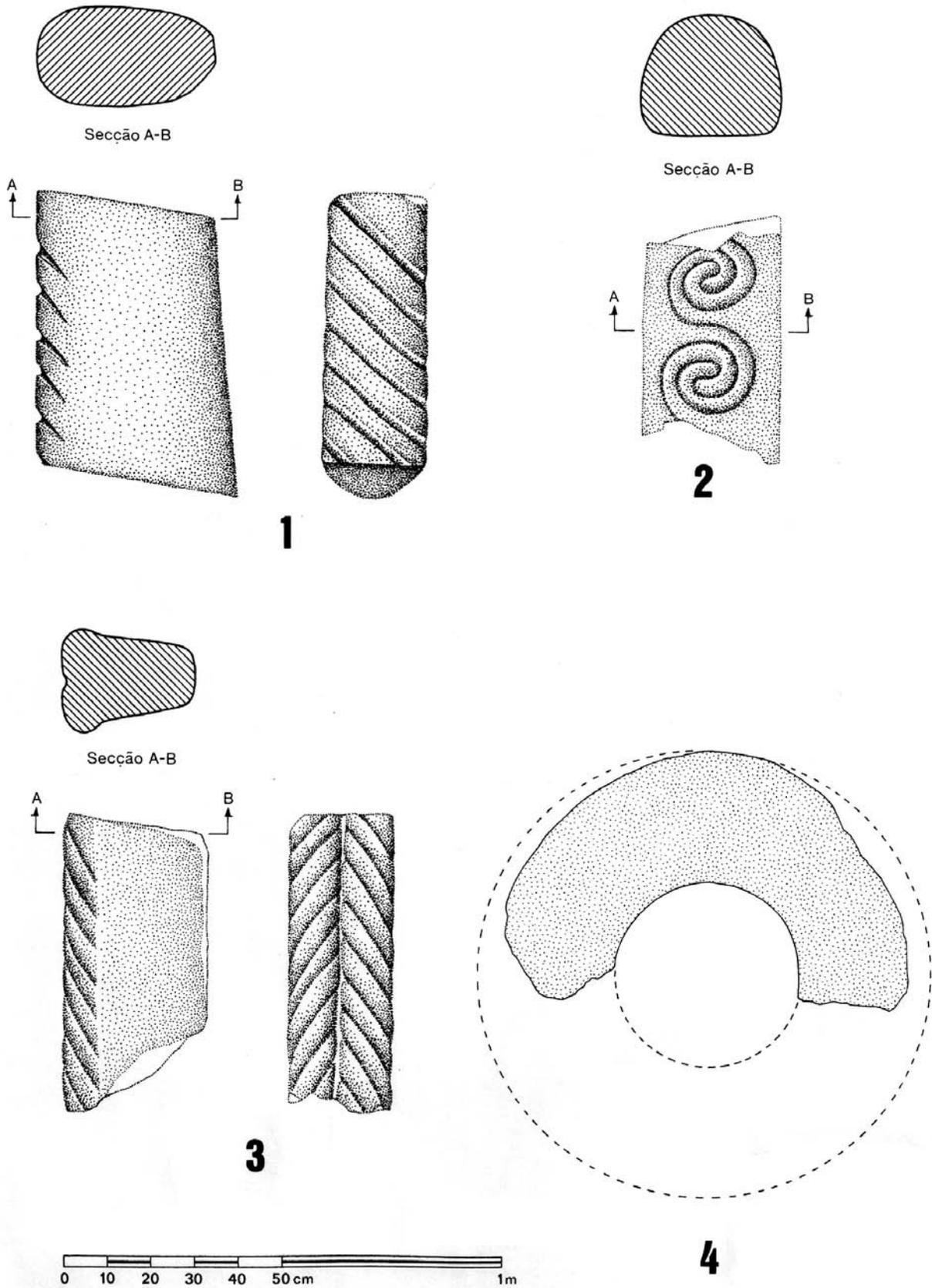


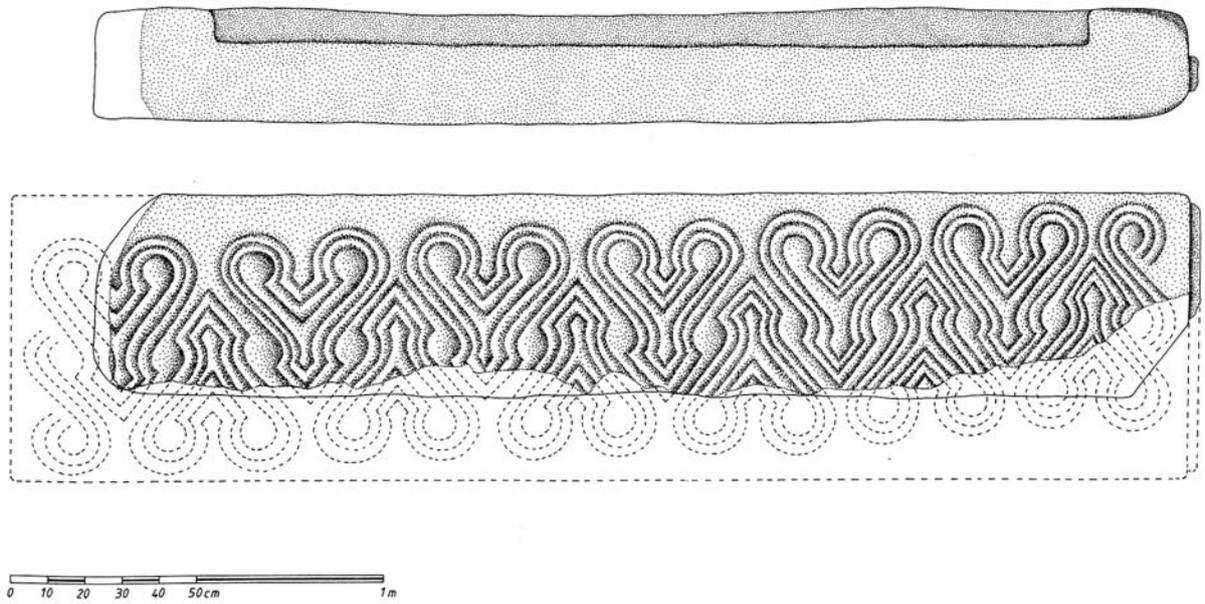
Fig. 1 - Planta do balneário castrejo do Monte das Eiras



**Fig. 2** - "Pedra Formosa" do balneário castrejo do Monte das Eiras



**Fig. 3** - Elementos arquitectónicos avulsos do balneário castrejo do Monte das Eiras



**Fig. 4** - Lintel decorado do Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães